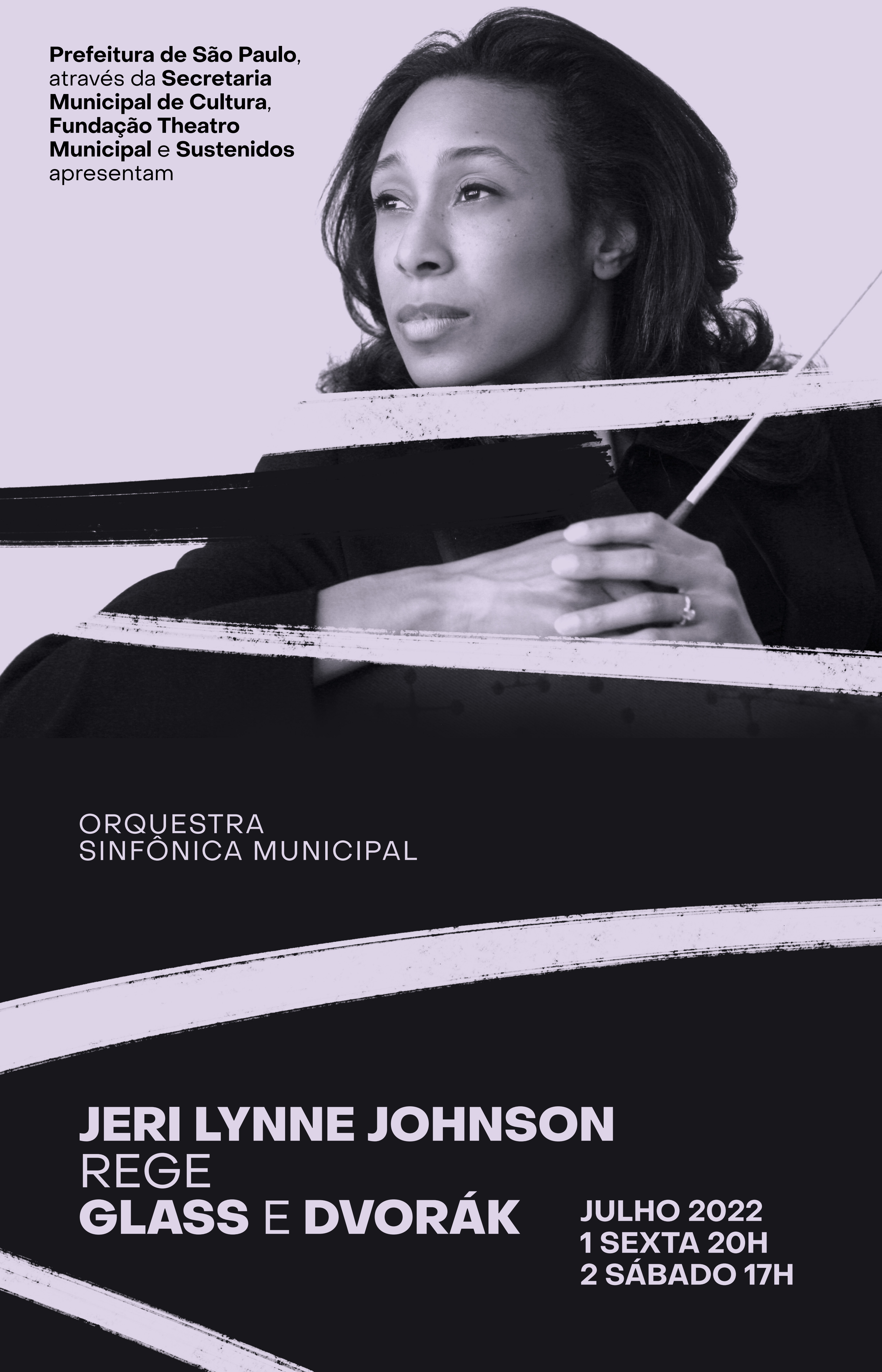


TEMPORADA
**INDEPENDÊNCIA
E MODERNIDADE**

Prefeitura de São Paulo,
através da **Secretaria**
Municipal de Cultura,
Fundação Theatro
Municipal e Sustenidos
apresentam



ORQUESTRA
SINFÔNICA MUNICIPAL

JERI LYNNE JOHNSON
REGE
GLASS E DVORÁK

JULHO 2022
1 SEXTA 20H
2 SÁBADO 17H

ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL

JERI LYNNE JOHNSON
REGE
GLASS E DVORÁK

JERI LYNNE JOHNSON
regência

DANILO VALLE E MARCIA FERNANDES
tímpanos

PHILIP GLASS (1937)
Concerto Fantasia para Dois
Timpanistas e Orquestra (30')

(Editora: Dunvangel. WMG. Representante exclusivo
Barry Editorial www.barryeditorial.com.ar)

ANTONÍN DVORÁK (1841-1904)
Sinfonia nº 7, Op. 70, em Ré menor (35')
I. Allegro maestoso
II. Poco adagio
III. Scherzo: vivace
IV. Finale: allegro

PHILIP GLASS & ANTONÍN DVORÁK: DESBRAVADORES DE NOVOS MUNDOS

O programa de hoje reúne compositores que enfrentaram consideráveis dificuldades econômicas até se tornar, na maturidade artística, personalidades consagradas internacionalmente: o checo Antonín Dvorák, nascido em 1841, em Nelahozeves, às margens do Rio Moldava, na região da Europa Central chamada Boêmia, então dominada pela Áustria, e o norte-americano, Philip Glass, nascido em 1937, em Baltimore, Maryland, Estados Unidos.

Filho de um estalajadeiro que também era açougueiro da aldeia, Dvorák tornou-se o compositor mais conhecido da música checa, tendo alcançado especial sucesso na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde, por três anos, dirigiu o Conservatório de Nova York.

Os primeiros contatos de Glass com a música de concerto aconteceram na loja de discos do pai, que também conservava rádios. Essa peculiar iniciação musical talvez explique indiretamente algo de sua incomparável projeção na cena cultural contemporânea.

O jovem Dvorák, apoiado por parentes e amigos, foi para Praga estudar órgão e tentar a sorte como músico de orquestra; tocava viola. Com o discreto, mas firme, suporte de sua mãe, Glass, com apenas 15 anos, partiu para a Universidade Chicago para, depois de graduado, arriscar-se em Nova York.

Nacionalismo pós-romântico centro-europeu e música minimalista norte-americana são imagens que os compositores reunidos neste concerto despertam de imediato. A aproximação de universos tão distintos – a tradição sinfônica germânica do século XIX (sobretudo a influência de Brahms), abordada como veículo estratégico para a afirmação cultural de uma nação oprimida, e o ecletismo pós-moderno de um músico de forte apelo midiático, disposto a romper fronteiras entre estilos, gêneros e públicos – põe em evidência o privilegiado momento histórico em que vivemos. Uma época em que individualidades, linhagens e diferentes tradições musicais podem coexistir e coabitar novos e velhos espaços. Por meio de uma escuta dialética, esse entrelaçamento extemporâneo de repertórios, típico das plataformas de streaming, sugere que compositores e obras podem influenciar-se mutuamente, contaminar-se em retrospecto, projetando, quem sabe, audiências mais abertas.

De Dvorák, ouviremos uma de suas obras-primas: a *Sinfonia nº 7, em Ré menor, Op. 70*, considerada por muitos o ponto alto de sua criação orquestral. Composta entre dezembro de 1884 e março de 1885, a obra possui fortes acentos trágicos e reflete uma elaborada síntese pessoal entre o rigor estrutural da escola alemã e a expressividade e sensibilidade próprias das tradições populares eslavas. Sua composição foi o resultado de uma promessa feita por Dvorák à Philharmonic Society de Londres, onde fora eleito sócio honorário. De Philip Glass, teremos uma peça concertante, escrita ao longo de 2000 em constante diálogo com o percussionista que a solicitou. Obra que celebra o gesto original, a interação entre dois improváveis solistas e o impacto da presença sonora.

UM OUTRO OLHAR SOBRE A TRADIÇÃO

Um dos aspectos mais fascinantes da música de Philip Glass é que ela soa ao mesmo tempo familiar e original. Há sempre algo que nos remete a uma memória pessoal, perturbadora referência afetiva que aflora da articulação dos elementos mais básicos da linguagem musical do Ocidente. Ritmo,

harmonia e melodia são ressignificados pela repetição e pela transformação gradual de breves motivos, a partir de um pensamento estruturante baseado no pulso, que propõe uma nova concepção do tempo. Neste sentido, a apreciação de melodias, temas e harmonias originais na música de Glass é fator secundário. O que conta mesmo é o processo e a imediatez da comunicação. Pouco importa que uma ideia pareça extraída da *Quinta* de Beethoven, um recorte irregular de um arpejo de Mozart (reiterado *ad infinitum*) ou um tema de Lalo Schifrin para a televisão. O maestro Dennis Russell Davis, incansável promotor de suas óperas e sinfonias, vislumbra algumas razões desse encanto: “Há uma franqueza do idioma musical. Ele joga com as recordações que temos da música folclórica, da música popular de nossos anos de juventude. Há temas comuns e ideias rítmicas que têm a ver com elementos que não pertencem à música clássica. Ele não está fazendo isso de propósito. Ele está fazendo outra coisa. Ele chega a isso de um lugar diferente”. Talvez esse lugar seja a Índia.

Aos 28 anos de idade, tendo estudado matemática filosofia na Universidade de Chicago (*alma mater* também da regente deste concerto, Jeri Lynne Johnson) e concluído seus estudos musicais na Juilliard School, Glass buscava ainda aprimorar sua formação com a célebre pedagoga francesa Nadia Boulanger. No entanto, foi a partir do contato com o sitarista e compositor indiano Ravi Shankar, em Paris, em 1965, que o aluno de Mlle. Boulanger começou a desenvolver sua identidade como compositor. Glass depurou um estilo próprio a partir de fusões e embates nem sempre amorosos entre o chamado “otimismo americano”, a tradição centro-europeia e o pensamento musical do Oriente. O teatro foi seu primeiro laboratório, especialmente o trabalho em produções de peças de Samuel Beckett. De volta aos EUA, fundou seu próprio conjunto instrumental de teclados eletrônicos e sopros amplificados, e durante cerca de dez anos dedicou-se a criar e apresentar obras experimentais em uma linguagem que seria conhecida como minimalismo musical – alinhando-se naturalmente com o trabalho pioneiro de outros músicos norte-americanos como Steve Reich e Terry Riley.

Por meio de colaborações com artistas plásticos, coreógrafos, cineastas, poetas e diretores de teatro, Glass firmou-se como uma das personalidades artísticas mais sedutoras da vanguarda nova-iorquina – como atesta a série de retratos feita por Chuck Close desde 1968, um deles exposto permanentemente, desde 2017, em uma estação de metrô da Segunda Avenida.

Dos tempos difíceis nas décadas de 1960 e 1970, quando fez regularmente bicos como encanador e taxista para manter-se como artista em Nova York, ao sucesso internacional, com encomendas de prestigiosas casas de ópera e orquestras da Europa e EUA, a música de Glass transformou-se bastante, ampliou sua paleta expressiva e seus interesses. Sobreretudo nas trilhas sonoras para cinema, exteriorizou seu caráter transcultural. Flertou também com a música pop e, ao mesmo tempo, reincorporou elementos da tradição romântica e do modernismo em obras escritas para teatro e salas de concerto. Bastam, no entanto, alguns segundos de sua música mais recente para identificar sem hesitação a marca do octogenário autor. Em certos círculos, o nome de Glass ainda é um anátema, mas suas qualidades e êxitos tendem a prevalecer, especialmente junto ao público. Há poucos meses, uma produção recentemente premiada de sua ópera *Akhnaten* (composta em 1984) voltou ao palco do Metropolitan Opera House com notável sucesso.

UM CONCERTO FANTASIA REALIZADO

Timpanistas são frequentemente orientados a tocar mais baixo. A franca exposição de seus instrumentos são momentos raros e ansiosamente aguardados. No *Concerto Fantasia para Dois Timpanistas e Orquestra*, de Philip Glass, os dois percussionistas solo, normalmente encontrados no fundo da orquestra, podem assumir o protagonismo sem constrangimentos: provocam trovoadas, trocam ideias rítmicas e melódicas, se divertem bastante.

Trata-se de música intensa, espetacular. Antes mesmo de que qualquer nota da peça seja ouvida, o público percebe

que o evento será memorável: na frente e ao centro do palco, vemos mais de uma dezena de “bacias” ou “cascos” de cobre, de diferentes tamanhos, distribuídos em dois consoles. Adivinha-se que haverá muita movimentação coreográfica e considerável empenho físico dos timpanistas da OSM, Marcia Fernandes e Danilo Valle. E assim será.

O Concerto Fantasia por Dois Timpanistas e Orquestra, de Philip Glass, é um trabalho notável, escrito para mostrar a ampla diversidade expressiva dos tímpanos, tanto em suas possibilidades rítmicas como melódicas. Vários compositores escreveram obras com a participação de dois timpanistas separados, como Carl Nilsen, em sua *4º Sinfonia* (1916), mas ninguém antes parece ter dedicado todo um concerto para dois solistas de tímpanos e grande orquestra. A obra foi composta para o percussionista Jonathan Haas e encomendada por um consórcio de orquestras, incluindo a American Symphony, a Milwaukee Symphony, a Peabody Symphony, a Phoenix Symphony e a St. Louis Symphony. Quase dez anos, vários compromissos e muitos adiamentos separaram o pedido inicial de Haas e a estreia da obra, ocorrida em novembro de 2000, com a American Symphony, dirigida por Leon Botstein e com Haas e Svetoslav Stoyanov como solistas. Glass demorou muito para encontrar um caminho para esta composição. A persistência de Haas foi recompensada: resultou no mais famoso concerto para tímpanos do repertório. A ampliação da ideia original para um “concerto duplo”, com dois solistas, foi uma solução pragmática para tornar a obra atraente para as orquestras. Possibilitou também a exploração de jogos de interação entre os dois solistas e entre solistas e o conjunto orquestral. Como observa o timpanista e pesquisador Brett Bernard Landy: “As partes para os timpanistas são bastante exigentes ao longo da obra. Quase cruelmente, os timpanistas descansam por menos de 20 compassos ao longo de toda a peça. O uso que Glass faz dos timpanistas como solistas melódicos e rítmicos é cuidadosamente calculado, pois a presença de dois timpanistas serve para aumentar a complexidade da partitura”. De fato, um concerto com no mínimo 12 tímpanos bem no centro do palco não deixa de ser um espetáculo audiovisual e de certa maneira coreográfico – e disso Glass parece ter plena consciência.

O *Concerto Fantasia* é dividido em três movimentos: Rápido, Lento e Muito Rápido, com uma longa *cadenza* entre o segundo e o terceiro movimentos. Os timpanistas podem escolher entre duas cadências diferentes, uma composta pelo virtuose do xilofone Ian Finkel e outra composta pelo próprio Glass. (Hoje ouviremos a *cadenza* do compositor.) O efetivo orquestral inclui flautas, oboés, clarinetes, fagotes, trompas, trompetes, trombones e tuba, bem como piano, harpa e cordas. A seção de percussão é particularmente ampla e variada, sugerindo um papel significativo no suporte dos dois timpanistas solo.

O primeiro movimento, Rápido, irrompe sem pedir licença: apresenta de maneira contundente um tema sincopado, em compasso 10/8, combinando as sonoridades dos tímpanos com orquestra completa. Estabelece-se desde o início um fluxo rítmico inabalável que avança até o delicado arrefecimento final. Três motivos rítmicos principais compõem a parte dos solistas que, por meio de refinadas variações e entrecruzamentos, fornecem também material temático para a orquestra. Glass amplia o papel do timpanista como solista melódico, fazendo, por exemplo, uma das partes solista conduzir a orquestra em uma bela melodia diatônica sobre um pulso constante em colcheias do outro timpanista.

O segundo movimento, Lento, é uma ampla marcha fúnebre, uma retirada sombria talvez. Harmonias dilatadas e jogos de ilusão em câmera lenta, típicos das trilhas sonoras e óperas de Glass, dão à música um caráter ao mesmo tempo monumental e onírico. Um motivo de três notas, no piccolo e nos violinos, preside a procissão fantasmagórica. Os tímpanos solistas avançam com dignidade, alternando reminiscências de gestos heroicos e comentários pesados, compartilhados com vários subconjuntos da orquestra. Uma seção contrastante permite aos tímpanos soarem mais esperançosos acompanhados por um tema em estilo de fanfarra nos trompetes. Espelhamentos defasados entre diversos agrupamentos instrumentais cristalizam em figuras ascendentes um momento de puro êxtase. O movimento é encerrado com a reiteração do tema principal, tocado apenas pela dupla de timpanistas.

A *cadenza* estendida, concebida como espaço de expressão mais íntima e pessoal dos solistas, permite também um momento de reflexão e de processamento de toda carga dramática apresentada nos movimentos anteriores.

O Finale, Muito Rápido, possui uma métrica mista: é uma dança de colorido latino-americano, alternando compassos de 4/4 e 7/8. Pede da orquestra a difícil combinação de verve, controle do tempo e precisão nas entradas. O material temático alude ao primeiro movimento. Os momentos finais enfatizam o puro atletismo e a potência dos dois timpanistas.

Os tímpanos são tambores de orquestra que produzem notas de altura definida. Possuem uma membrana ou pele esticada no topo de sua caixa hemisférica, de seu “casco”. Ao aumentar a tensão da pele, obtêm-se notas mais agudas; ao diminuir a tensão, obtêm-se as notas graves. A tensão é regulada por cravelhas. Os tímpanos afinados por pedal, ou cromáticos, permitem a produção de notas de alturas diferentes rapidamente. Em peças do repertório contemporâneo, pede-se às vezes que a afinação seja mudada ao mesmo tempo que se percute o tímpano com a baqueta ou a mão. Entre os compositores brasileiros que escreveram concertos para tímpanos estão Ernst Mahle (1958); José Siqueira (1976); Ney Rosauo (2003) e Dimitri Cervo (2015).

A SINFONIA Nº 7 DE DVORÁK

As viagens de Dvorák à Inglaterra estabeleceram uma nova e consistente audiência para sua música, contrastando bastante com as reticências frequentemente encontradas em Viena. Com a nobre exceção de Brahms e seu influente círculo de amizades, as sinfonias de Dvorák não tiveram inicialmente boa acolhida na capital do Império Austro-Húngaro. Ao todo, Dvorák fez oito visitas à Grã-Bretanha entre 1884 e 1891, e uma nona em 1896. A encomenda da *Sinfonia nº 7, em Ré menor*, pela Philharmonic Society de Londres, está diretamente ligada à entusiástica acolhida que seu *Stabat Mater*, Op. 58 obteve na Inglaterra, mesmo antes de sua primeira visita ao país, que seria também sua primeira viagem marítima.

Convidado em 1884 a reger em terras britânicas este grande oratório e a sua *Sinfonia nº 6*, Dvorák escreveu de Worcester para sua esposa, Anna Cermáková: “Ontem tornei a ter um dia feliz; O *Stabat Mater* causou magnífica impressão em maravilhosa e enorme igreja (4.000 pessoas). [...] Onde quer que eu apareça, seja na rua ou nas lojas em que entro para adquirir algo, todos se aproximam pedindo autógrafos. Minhas fotos encontram-se em todas as livrarias e são compradas como recordação”. Dvorák havia sido apelidado pela imprensa britânica de “the Bohemian Brahms”.

Dvorák começou a trabalhar na *Sinfonia nº 7* ainda sob o impacto da 3ª *Sinfonia* de Brahms, cujo primeiro e último movimentos ouviu pelas mãos do próprio amigo, ao piano, quando esteve com ele em Viena, em meados de 1884. A obra foi concluída em três meses. Em 22 de abril, Dvorák regiu, com grande sucesso, a primeira apresentação da sinfonia em um concerto da Philharmonic Society. Como pretendido pelo músico, a obra chacoalhou o meio musical europeu. Escrita em um novo estilo, com inédita intensidade dramática e tons angustiados, a sinfonia apresenta também nítidas cores nacionais.

O tema inicial, que surge no segundo compasso, com cellos e violas sobre um pedal soturno criado por tímpanos e trompas, veio à mente do compositor na estação ferroviária de Praga, quando acompanhava a chegada de compatriotas, vindos de Pest, para uma manifestação artístico-política no Teatro Nacional. Sincopado e sinuoso, o tema é amplificado pela orquestra. De caráter melódico, o segundo tema assemelha-se a uma cantilena de Brahms. Este Allegro maestoso inicial apresenta a forma sonata tradicional, com exposição, desenvolvimento, reexposição. Após o clímax brilhantemente entrelaçado, a coda reencontra a gravidade do início encerrando o movimento tal como havia começado.

O segundo movimento, Poco adagio, começa com um delicado coral nas madeiras, na clarineta, nos fagotes e no oboé. A página traz a inscrição: “Dos tempos difíceis”, em provável alusão à perda de seus três filhos, bem como à partida de sua mãe. Brahms e Wagner parecem disputar espaço nos momentos mais intensos dessa música de caráter qua-

se terapêutico, marcada por notável fertilidade de ideias e grande refinamento. Destaque para o breve diálogo entre clarineta e trompa próximo ao final.

O terceiro movimento, Scherzo vivace, é música de tocante originalidade. Começa com a sobreposição de dois temas diferentes (um no fagote e outro nos violinos): uma dança tradicional checa, uma furiant, encaixando-se em uma valsa. Na verdade, ambos os temas se complementam. A seção central, o trio, promove diálogos melódicos entre grupos de instrumentos. Uma inesperada projeção sombria antecede a conclusão deste divertimento campestre.

O Finale possui um caráter rapsódico, marcado mais uma vez por uma inovadora conjunção de engenhosidade e emoção. A vitalidade rítmica tão admirada em sua *Sinfonia nº 9, a Do Novo Mundo*, já está presente neste Allegro. Um solo teatral da clarineta, de caráter oriental, sugere alguma ironia. Parece predominar nesta marcha o que alguns comentaristas identificaram como um gesto voluntarioso de desafio em face ao inevitável. Uma leitura romântica, sem dúvida. Com esta obra, Dvorák deixa mais do que evidente que um compositor checo pode ser tão bom quanto um sinfonista alemão ou austríaco. Concordamos com Alberto Alpresa, quando escreve sobre o final heroico desse movimento: “Numa tremenda cadência final, onde a harmonia se expande numa surpreendente mudança para Ré maior, o autor parece libertar-se, definitivamente, de tão pesada responsabilidade, deixando escapar toda a fé e esperança reprimidas durante todas estas páginas magistrais”.

Roberto D’Ugo Jr.

Doutorando em artes visuais pelo Instituto de Artes da Unesp.
Professor do curso de rádio, TV e internet da Faculdade Cásper Líbero. Ex-coordenador da Rádio Cultura FM de SP.

ORQUESTRA SINFÔNICA MUNICIPAL

A história da Orquestra Sinfônica Municipal (OSM) se mistura com a da música orquestral em São Paulo, com participações memoráveis em eventos como a primeira Temporada Lírica Autônoma de São Paulo, com a soprano Bidu Sayão; a inauguração do Estádio do Pacaembu, em 1940; a reabertura do Theatro Municipal, em 1955, com a estreia da ópera *Pedro Malazarte*, regida pelo compositor Camargo Guarnieri, e a apresentação nos Jogos Pan-Americanos de 1963, em São Paulo. Estiveram à frente da orquestra os maestros Arturo de Angelis, Zacharias Autuori, Edoardo Guarnieri, Lion Kaniefsky, Souza Lima, Eleazar de Carvalho, Armando Belardi e John Neschling. Roberto Minczuk é o atual regente titular e Alessandro Sangiorgi o regente assistente da OSM.



JERI LYNNE JOHNSON

REGÊNCIA

Jeri Lynne Johnson é estadunidense e fez história como a primeira mulher negra a ganhar um prêmio internacional de regência, o Taki Alsop Conducting Fellowship, além de quebrar barreiras e reger em renomadas orquestras como Philadelphia Orchestra, Dallas Symphony Orchestra, Bournemouth Symphony e Weimar Staatskapelle. Um desses projetos teve colaboração do rapper Jay Z, da cantora e compositora Alicia Keys e da banda de hip-hop The Roots, no Carnegie Hall. Graduada no Wellesley College e na Universidade de Chicago, recebeu a bolsa Jorge Mester Conducting Scholarship para participar do Festival de Música de Aspen. Em 2016, fundou a DEI Arts Consultoria, que oferece às organizações serviços criativos e estratégicos alinhados nos valores da diversidade, equidade e inclusão.



DANILO VALLE

TÍMPANO

Danilo Valle é timpanista solo da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo e integrante do Martelo Percussion Group. Atua frequentemente como músico convidado da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp) e da Filarmônica de Minas Gerais. Foi timpanista da Orquestra Filarmônica de São Bernardo do Campo e fez parte do naipe de percussão da Orquestra Experimental de Repertório (OER). Integrou também o Grupo de Percussão do Brincante (GPB), o Grupo Durum Percussão Brasil e o Grupo PIAP, grupo de percussão do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp). Estudou na ULM (atual Escola de Música do Estado de São Paulo – Emesp Tom Jobim), na Escola Municipal de Música de São Paulo e obteve seu bacharelado pela Unesp. Aperfeiçoou-se nos Estados Unidos, na Georgia University, com o timpanista Tim Adams.



MARCIA FERNANDES

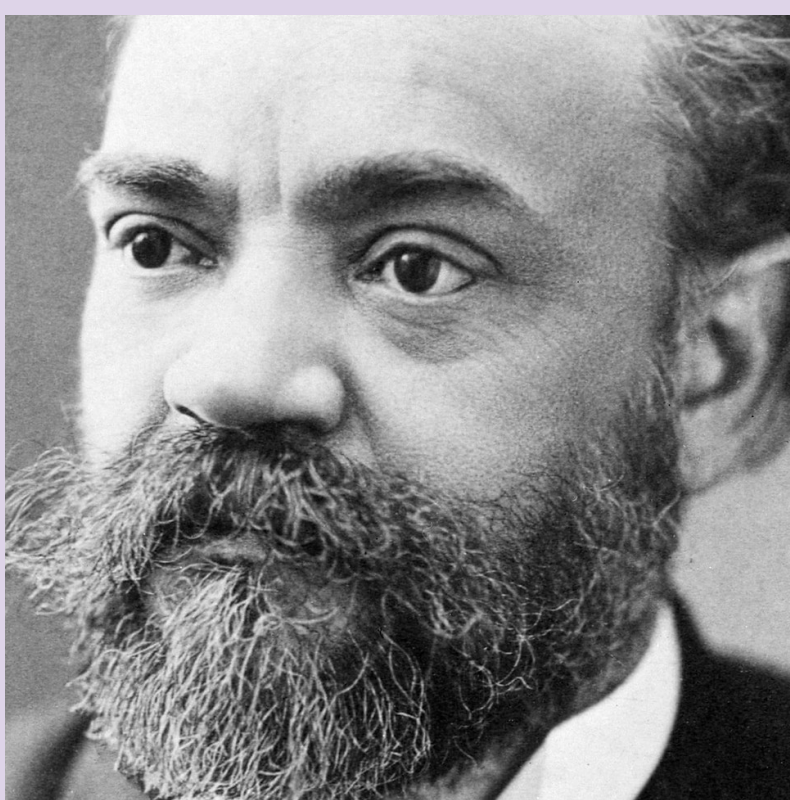
TÍMPANO

Marcia Fernandes é timpanista solista da Orquestra Sinfônica Municipal de São Paulo e docente da Escola de Música do Estado de São Paulo (Emesp Tom Jobim). É especialista em percussão pelo Conservatoire de Strasbourg em Hamburgo, Alemanha, com nota máxima. Formou-se na primeira turma de percussão da Academia de Música da Osesp e é bacharel em percussão pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Integrou o projeto *Composição #3: Placebo, Olho D'Água e Aldeias Mortas*, finalista do Prêmio APCA de Dança (2021), com o Balé da Cidade de São Paulo. Foi convidada de renomadas orquestras como L'Opéra National du Rhin, Symphonique de Mulhouse, National Philharmonique de Strasbourg, Baroque de Strasbourg e Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp). Foi marimbista do musical da Broadway *The Lion King*, em São Paulo, e atuou em outros musicais como *Wicked* e *Les Misérables*. Integrou os grupos camerísticos Orchestre de Percussion Strasbourgeoise, com direção de Emmanuel Séjourné, Zeta Duo, com Enrico Pedicone (Les Percussion de Strasbourg), e o Grupo PIAP, grupo de percussão do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (Unesp), com o qual venceu o Prêmio APCA de Melhor Conjunto de Música de Câmara (2003).



PHILIP GLASS

Philip Glass nasceu em 1937 em Baltimore, Estados Unidos. Estudou na Universidade de Chicago, na Juilliard School e em Aspen, com Darius Milhaud. Ao se mudar para Europa, estudou com a lendária pedagoga Nadia Boulanger. Retornou a Nova York em 1967 e formou o Philip Glass Ensemble – sete músicos tocando teclados e uma variedade de instrumentos de sopro, amplificados e alimentados por um mixer. Nos últimos 25 anos, Glass compôs mais de 25 óperas, grandes e pequenas; 12 sinfonias, 13 concertos; trilhas sonoras para filmes como os clássicos estilizados de Jean Cocteau, o documentário de Errol Morris sobre o ex-secretário de Defesa Robert McNamara.



ANTONÍN DVORÁK (1841-1904)

Antonín Dvorák nasceu em Nelahozeves, 1841, cidade pertencente ao extinto Império Austro-Húngaro. Era filho de um humilde comerciante e só pôde realizar os primeiros estudos musicais em 1853, já residindo na cidade de Zlonice. Em 1873, foi premiado, em Praga, pela composição de um hino patriótico. Em 1891, recebeu o título de doutor *honoris causa* da Universidade de Cambridge. A produção de Dvorák foi numerosa. Ele abordou todos os gêneros, revelando-se um especialista em música de câmara. *O Trio Op. 90*, denominado *Dumky*, foi logo incorporado ao repertório de todos os conjuntos camerísticos.

PRÓXIMO
CONCERTO
COM A
**ORQUESTRA
SINFÔNICA
MUNICIPAL**

**EXPECTATIVA –
UM MONODRAMA**

JUL 2022
8 SEXTA 20H
9 SÁBADO 17H

ALESSANDRO SANGIORGI
regência

ADRIANE QUEIROZ
soprano

[Theatro Municipal – Sala de Espetáculos]



Regente Titular Roberto Minczuk

Regente Assistente Alessandro Sangiorgi

Primeiros Violinos Pablo de León (spalla)*, Alejandro Aldana (spalla)*, Martin Tuksa, Adriano Mello, Edgar Leite, Fabian Figueiredo, Fábio Brucoli, Fernando Travassos, Francisco Krug, Heitor Fujinami, Liliana Chiriac, Paulo Calligopoulos e Rafael Bion Loro **Segundos Violinos** Andréa Campos*, Maria Fernanda Krug*, Roberto Faria Lopes, Wellington Rebouças, Alexandre Pinatto de Moura, André Luccas, Djavan Caetano, Evelyn Carmo, Fábio Chamma, Helena Piccazio, John Spindler, Mizael da Silva Júnior, Oxana Dragos, Renato Marins Yokota, Ricardo Bem-Haja, Ugo Kageyama, Marcela Oliveira** e Anderson Cardoso** **Violas** Alexandre de León*, Silvio Catto*, Abrahão Saraiva, Adriana Schincariol, Bruno de Luna, Eduardo Cordeiro, Eric Schafer Licciardi, Jessica Wyatt, Lianna Dugan, Pedro Visockas, Roberta Marcinkowski e Tiago Vieira **Violoncelos** Mauro Brucoli*, Raïff Dantas Barreto*, Mariana Amaral, Moisés Ferreira, Alberto Kanji, Cristina Manescu, Joel de Souza, Teresa Catto, Robert Suetholz**, Adriana Lombardi** e Katia Aparecida** **Contrabaixos** Brian Fountain*, Taís Gomes*, Adriano Costa Chaves, Sanderson Cortez Paz, André Teruo, Miguel Dombrowski, Vinicius Frate, Walter Müller e Riverton Vilela** **Flautas** Marcelo Barboza*, Renan Mendes*, Andrea Vilella, Cristina Poles e Jean Arthur Medeiros **Oboés** Alexandre Ficarelli*, Rodrigo Nagamori*, Marcos Mincov, Rodolfo Hatakeyama e Renato Vieira** **Clarinetes** Camila Barrientos Ossio*, Tiago Francisco Naguel*, Diogo Maia Santos, Domingos Elias, Marta Vidigal e Gustavo Ananias** **Fagotes** Matthew Taylor*, Marcos Fokin*, Facundo Cantero e Marcelo Toni **Trompas** André Ficarelli*, Thiago Ariel*, Daniel Filho, Eric Gomes da Silva, Rafael Fróes, Rogério Martinez, Vagner Rebouças e Jessica Vicente** **Trompetes** Fernando Lopez*, Breno Fleury, Eduardo Madeira e Thiago Araújo **Trombones** Eduardo Machado*, Raphael Campos da Paixão**, Hugo Ksenhuk, Luiz Cruz e Marim Meira **Tuba** Luiz Serralheiro* e João Marcos de Oliveira Rosa** **Harpas** Jennifer Campbell* e Paola Baron* **Piano** Cecília Moita* **Percussão** Marcelo Camargo*, César Simão, Magno Bissoli, Thiago Lamattina e Carlos dos Santos** **Tímpanos** Danilo Valle* e Marcia Fernandes* **Tímpano e Percussão** Leopoldo Prado** **Coordenadora Administrativa** Mariana Bonzanini **Inspetor** Carlos Nunes **Analista Administrativa** Laysa Padilha **Auxiliar de Escritório** Priscila Campos / *Chefe de naipe **Músico convidado

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Prefeito Ricardo Nunes
Secretária Municipal de Cultura Aline Torres
Secretária Adjunta Antonia Soares André de Souza
Chefe de Gabinete Danillo Nunes

FUNDAÇÃO THEATRO MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Direção Geral Danillo Nunes
Direção Artística Gisa Gabriel
Direção de Formação Ana Estrella Vargas
Direção de Produção Executiva Abraão Mafra

CONSELHO ADMINISTRATIVO SUSTENIDOS

André Isnard Leonardi (presidente), Claudia Ciarrocchi, Eduardo Saron, Gildemar Oliveira, Leonardo Matrone, Magda Pucci, Monica Rosenberg e Wellington do C. M. de Araújo

CONSELHO CONSULTIVO SUSTENIDOS

Elca Rubinstein (presidente), Abigail Silvestre Torres, Adriana do Nascimento Araújo Mendes, Ana Maria Wilhelm, Benjamin Taubkin, Carlos Henrique Freitas de Oliveira, Celia Cristina Monteiro de Barros Whitaker, Daniel Annenberg, Gabriel Whitaker, Lia Rosenberg, Luiz Guilherme Brom, Marisa Fortunato, Melanie Farkas (*in memoriam*) e Paula Raccanello Storto

CONSELHO FISCAL SUSTENIDOS

Bruno Scarino de Moura Accioly, Daniel Leicand e Paula Cerquera Bonanno

EQUIPE SUSTENIDOS (THEATRO MUNICIPAL)

Diretora Executiva Alessandra Fernandez Alves da Costa
Diretor Administrativo Financeiro Renato Musa dos Santos
Gerente Financeira Ana Cristina Meira Coelho Mascarenhas
Gerente de Desenvolvimento de Pessoas Camila Rodrigues Harada
Superintendente de Desenvolvimento Institucional e Marketing Heloisa Garcia da Mota
Gerente de Controladoria Danilo Arruda
Contador Luis Carlos Trento
Gerente de Suprimentos Susana Cordeiro Emidio Pereira
Gerente Jurídica Adline Debus Pozzebon

Diretora Geral Andrea Caruso Saturnino

Secretária Executiva Valeria Kurji

Gerente Geral de Operações e Finanças Eduardo Augusto Sena

Coordenadora de Programação Elisa Maria Americano Saintive **Equipe de Programação** Camila Honorato Moreira de Almeida, Eduardo Dias Santana e Flavia Rosana Medeiros de Campos **Gerente da Musicoteca** Maria Elisa Pasqualini (Milly) **Equipe da Musicoteca** Cassio Mendes Antas, Diego Scarpino Pacioni, Felipe Faglioni, Jonatas Ribeiro, Lucas de Lima Coelho, Milton Tadashi Nakamoto, Roberto Dorigatti, Rodrigo Padovan Grassmann Ferreira e Thiago Ribeiro Francisco **Pianista Correpetidor** Anderson Brenner

Coordenadora de Produção Nathália Costa **Equipe de Produção** Felipe Costa, Fernanda Cristina Pereira Camara, Luiz Alex Tasso, Maira Scarello, Mariana Perin, Marina da Costa Jurado, Rodrigo Correa da Silva, Rosana Taketomi e Rosangela Reis Longhi

Gerente de Formação, Acervo e Memória Ana Lucia Lopes

Coordenadora de Educação Adriane Bertini Silva **Supervisor de Arte-Educação** Leandro Mendes da Silva **Equipe de Educação** Gabriel Zanetti Pieroni, Igor Antunes Silva, Isabelle Santos da Silva, Luciana de Souza Bernardo, Luiz Augusto Soares Pereira da Silva, Mateus Masakichi Yamaguchi, Renata Limeira Rodrigues e Renata Raíssa Pirra Garducci **Coordenador de Acervo e Pesquisa** Rafael Domingos Oliveira da Silva **Equipe de Acervo e Pesquisa** Alexandre Ferreira Xavier, Anita de Souza Lazarim, Guilherme Lopes Vieira e Rafael de Araujo Oliveira **Estagiários** Ana Beatriz Rodrigues de Paula, Bianca Leiva Rosa, Cristiane Alves de Oliveira, Edson Silva dos Santos, Giovana Borges Freitas, Giullia Lima Rodrigues, Hannah Beatriz Zanotto, Henrique Souza Soares, Isabela Carlsen Tavares, Marli Nogueira Silva, Rafael Augusto Ritto e Winie da Silva Cardoso **Supervisora de Ações de Articulação e Extensão** Carla Jacy Lopes

Diretor Técnico de Palco Sérgio Ferreira

Coordenador de Palco Gabriel Barone Ramos **Equipe Técnica e Administrativa de Palco** Adalberto Alves de Souza, Diogo de Paula Ribeiro, Helen Ferla, Jonas Pereira Soares, Luiz Carlos Lemes e Sônia Ruberti **Gestor de Cenotécnica** Aníbal Marques (Pelé) **Coordenadora de Produção (Cenotécnica)** Rosa Casalli **Chefes de Maquinário** Carlos Roberto Ávila, Marcelo Luiz Frosino e Paulo Miguel de Sousa Filho **Equipe de Maquinário** Alex Sandro Nunes Pinheiro, Bruno Vieira Dias, Edilson da Silva Quina, Ermelindo Terribele Sobrinho, Everton Davida Candido, Igor Mota Paula, Ivaildo Bezerra Lopes, Jalmir Amorim da Conceição, Manuel Lucas de Sousa Conceição, Odilon dos Santos Motta, Paulo Mafrense de Sousa e Ronaldo Batista dos Santos **Equipe de Contrarregragem** Alessander de Oliveira Rodrigues, Amanda Tolentino de Araújo, Edival Dias, Matheus Alves Tomé, Sandra Satomi Yamamoto, Sérgio Augusto de Souza e Vitor Siqueira Pedro **Montadores** Alexandre Greganyck, Ivo Barreto de Souza, Nizinho Deivid Zopelaro, Pedro Paulo Barreto, Rafael de Sá de Nardi Veloso e Renato de Freitas Pereira **Sonorização** André Moro Silva, André Vitor de Andrade, Daniel Botelho, Edgar Caetano dos Santos, Emiliano Brescacin, Leandro dos Santos Lima e Robson de Moura Barros **Equipe de Iluminação** André de Oliveira Mutton, Fernando Miranda Azambuja, Guilherme Furtado Mantelatto, Igor Augusto Ferreira de Oliveira, Julia Gomes de Freitas, Olavo Cadorini Cardoso, Sibila Gomes dos Santos, Sueli Matsuzaki, Tatiane Fátima Müller, Ubiratan da Silva Nunes e Wellington Cardoso Silva

Equipe de Figurino Eunice Baía, Suely Guimarães e Walamis Santos **Camareiros** Antônia Cardoso Fonseca, Carlos Eduardo Marroco, Katia Souza, Lindinalva Margarida Celestino Cicero, Maria Auxiliadora, Maria Gabriel Martins e Regiane Bierrenbach **Costureiras** Alzira Campiolo, Geralda Cristina França da Conceição e Isabel Rodrigues Martins

Coordenadora de Comunicação Elisabete Machado Soares dos Santos **Equipe de Comunicação** Beatriz de Castro Ramos, Guilherme Dias, Gustavo Quevedo Ramos, Karoline Marques da Conceição, Larissa Lima da Paz, Luis Henrique Santos de Souza, Stig de Lavor e Tatiane de Sá dos Santos **Gerente de Planejamento e Monitoramento** Ana Paula Godoy **Equipe de Planejamento e Monitoramento** Douglas Herval Ponso, Marcella Bezerra Pacca, Milena Lorana da Cruz Santos e Tony Shigueki Nakatani **Captação de Recursos** Mariana Rojas Duailibi e Rodrigo Antônio Ramos Galvão

Gerente de Infraestrutura e Patrimônio Eduardo Spinazzola **Equipe de Infraestrutura e Patrimônio** Carolina Ricardo, Fernanda do Val Amorim, Isabelle Zanon, João Pedro de Goes Moura, Jonathas Rodrigues de Oliveira, Leticia de Moura, Luciana Fernandes de Moraes e Rosimeire Ribeiro Gomes **Coordenador de Operações** Mauricio Souza da Silva **Coordenador de Manutenção** Stefan Salej Gomes **Coordenador de TI** Yudji Alessander Otta **Equipe de TI** Lucas Anastácio Marçal dos Santos

Coordenadora de Parcerias e Novos Negócios Luciana Gabardo dos Santos **Equipe de Parcerias e Novos Negócios** Amanda Araujo Moraes, Giovanna Campelo, Suzana Santos Barbosa Grem e Vitoria Terlesqui de Paula **Equipe de Atendimento ao Público** Kleber Roldan de Araujo, Rosimeire Pontes Carvalho e Walmir Silva do Nascimento **Equipe de Bilheteria** Claudiana de Melo Sousa, Jorge Rodrigo dos Santos, Maria do Socorro Lima da Silva e Monica de Souza

Coordenadora Financeira Maria Eugênia Melo de Carvalho **Equipe de Finanças e Controladoria** Andreia Nascimento dos Santos, Fabiana Vieira Rezende, Jéssica Brito Oliveira, Kedma Encinas Almeida e Valeria de Freitas Mota Lima **Equipe de Compras** Leandro Ribeiro Cunha, Paulo Henrique Risseri, Raphael Teixeira Lemos e Thauana Moura Santos **Equipe de Logística** Aline de Andrade Nepomuceno Barbosa, Jefferson Umbelino Ribeiro Santos, Marcos Aurélio Vieira do Nascimento Samora e Raimundo Nonato Bezerra **Equipe de Contratos e Jurídico** Aline Rocha do Carmo, Lucas Serrano Cimatti, Luciana Kulik Camargo e Yara Maria da Silva **Coordenadora de Recursos Humanos** Renata Aparecida Barbosa de Sousa **Equipe de Recursos Humanos** Jessica Isis Domingos de Negreiros, Mateus Costa do Nascimento, Monik Silva Negreiros, Priscilla Pereira Gonçalves, Rebeca de Oliveira Rosio e Vitoria Fernanda do Carmo Leite

Aprendizes Ana Beatriz Silva Correia, Bruna Eduarda Cabral da Silva, Carlos Eduardo de Almeida, Francielli Jonas Perpetuo, Gabrielle Silva Santos, Leticia Lopes da Silva, Romário de Oliveira Santos e Vitoria Oliveira Faria

CLASSIFICAÇÃO
INDICATIVA
LIVRE

INGRESSOS
R\$ 10-60

**THEATRO
MUNICIPAL**
SALA DE
ESPETÁCULOS

INFORMAÇÕES E INGRESSOS
THEATROMUNICIPAL.ORG.BR

ACOMPANHE NOSSAS REDES SOCIAIS:

Theatro Municipal

 @theatromunicipalsp

 @theatromunicipal

 @municipalsp

 /theatromunicipalsp

Praça das Artes

 @pracadasartes

 @pracadasartes

OUÇA O **PODCAST** DO THEATRO MUNICIPAL.
DISPONÍVEL NAS PRINCIPAIS PLATAFORMAS.



**PARA UMA EXPERIÊNCIA SEGURA, CONFIRA O MANUAL
DO ESPECTADOR, DISPONÍVEL EM:**

theatromunicipal.org.br/manualdoespectador

O **Theatro Municipal de São Paulo** conta com você para aperfeiçoar
suas atividades.

Envie suas sugestões pelos e-mails:

escuta@theatromunicipal.org.br e **ouvidoriaftm@prefeitura.sp.gov.br**

Programação sujeita a alteração.

SINTA-SE
À VONTADE.
NA NOSSA
CASA OU NA SUA,
O THEATRO
MUNICIPAL
É SEU.

prontac 204/947



realização:

